

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENOIT, Hector. **Sócrates: o nascimento da razão negativa**. São Paulo: Moderna, 1996. 159 p.

GALLO, Silvio; KOHAN, Walter Omar. **Filosofia para crianças**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. 133 p.

KOHAN, Walter Omar. **Filosofia para crianças: a tentativa pioneira de Mattheus Lipman**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. 181 p.

_____. **Filosofia para crianças**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. 150 p.

_____. KENNEDY, David. **Filosofia e infância: possibilidade de um encontro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. 271 p.

_____. LEAL, Bernadina; RIBEIRO, Álvaro. **Filosofia na escola pública**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. 310 p.

_____. WAKSMAN, Vera. **Filosofia para crianças na prática escolar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. 224 p.

LIPMAN, Matthew. **A filosofia vai à escola**. Campinas, SP: Summus, 1990. 252 p.

SILVEIRA, René José Trentin. **A filosofia vai a escola?** Campinas, SP: Summus, 2001. 238 p.

TELES, Maria Luiza Silveira. **Filosofia para crianças e adolescentes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. 108 p.



O professor deverá desenvolver a filosofia com as crianças, depois de aprender a escutar e acatar as opiniões das crianças, sem querer impor-lhes jamais qualquer idéia, conceito ou valor. Ele apenas conduz a discussão, procurando reconhecer os padrões lógicos de suas narrativas e a dimensão filosófica de seu interesse. Deve ter habilidade para discussões e encorajar sempre o educando a pensar por si, mas alertá-lo quando seu raciocínio fugir da lógica.

Depois de todo esse processo, o aluno vai perceber que é capaz de descobrir coisas novas, ângulos diferentes sobre uma mesma questão, e obter novas idéias. Descobrirá também que a filosofia é um pensar sobre o pensar, uma longa atividade de busca e “escavação”. É uma atividade de “garimpeiro”. Aprenderá a enfrentar a realidade, que a existência humana é sempre uma atividade de busca, um dilema e não é algo feito, mas por se fazer no risco e na incerteza.

De acordo com Teles (1999, p. 14), como desenvolver as discussões e os exercícios?

Através de técnica de grupo, dilema (seguir dois ou mais caminhos para se chegar a uma solução), mesa redonda, painel simples e diversificado, Philips 66, seminário, júri simulado, entrevista, leituras comentadas, dramatização, ilustrações, redações discutidas, murais, recortes de revistas e periódicos, sessões familiares de TV, discussões de filmes (ao alcance deles) com temas filosóficos implícitos, etc.

A filosofia vive das perguntas, é o que tem de melhor para mostrar, essas perguntas abrem os diversos sentidos da crítica, e são as perguntas que permitem reconhecer limites, explorar as obviedades.

As perguntas como qualquer outra coisa, são fabricadas. E se a você não é permitido fabricar suas perguntas, com elementos recolhidos de aqui e de lá, se lhe “plantam” as perguntas, pouco terá a dizer. Conta-te a ti mesmo a tua própria história. E queima-a logo que a tenha escrito. Não sejas nunca de tal forma que não possa ser também de outra maneira. Recorda-te de teu futuro e caminha até sua infância. E não perguntes quem és àquele que sabe a resposta, nem mesmo a essa parte de ti mesmo que sabe a resposta, porque a resposta poderia matar a intensidade da pergunta e o que se agita nessa intensidade. “Sê, tu mesmo ,a pergunta” (KOHAN, 2000, p.27).

A implantação da filosofia nas escolas brasileiras visa explorar as possibilidades educacionais da filosofia ao longo da escolaridade das crianças.

Enquanto as crianças descobrem que a verdade possui uma função especial na investigação como um ideal regulativo em direção ao qual elas tentam mover-se, elas descobrem que todas as coisas e atividades ou processos são um complexo de relação que representa um sentido particular.

Para levar a filosofia às crianças, é preciso contextualizar o sentido e o significado do trabalho com as crianças. E a partir de uma perspectiva especificamente filosófica, o trabalho teórico requer a prática de questionar constantemente os nossos saberes, idéias e valores, debater, avaliar as implicações de nossa prática de modo que vai se tornando um movimento duplo em que a prática transforma a teoria e a teoria transforma a prática.

A criança é por natureza um ser muito curioso, onde há curiosidade na base de toda sua vida e também na base de toda a filosofia. E esta curiosidade expressa sempre um querer saber mais um reconhecer que não se sabe o suficiente.

Então, por que a filosofia para crianças?

Segundo Teles (1999, p. 11), esta deve ser, de certo modo, a primeira preocupação do professor, provavelmente, de quem ouça falar de tal. A criança tem, pois, a natureza de um filósofo e esta natureza, ao longo do tempo, tem sido sufocada, pois as instituições educativas já lhes entregam respostas, "verdades prontas", "leis", "normas", "regulamentos", "caminhos", caminhos que necessitam apenas ser decorados e introjetados. Assim, a natureza do filosofar é mutilada.

A filosofia propõe-se determinar o sentido dos acontecimentos e a atitude a assumir diante deles. Ela pode nos ajudar a compreender o mundo como é, a procurar os caminhos que possam afastar deste mesmo mundo os abismos e o perigo de destruição, garantindo a paz e o progresso.

O que assistimos na atualidade? A predominância da violência, da indiferença, da hostilidade, do desamor, do individualismo, a ausência de colaboração, de ordem, respeito, diálogo, confiança, sinceridade e de responsabilidade.

O ser humano tem desenvolvido muito a ciência e a tecnologia, mas pouco a moral, a ética e as relações humanas. Temos que buscar novas diretrizes que possam reverter esse quadro porque a filosofia leva à discussão reflexiva, lógica e analógica das idéias, pois é a única disciplina cujo objetivo é apenas o aprimoramento do pensar. Por isso, é importantíssimo que a filosofia entre nos primeiros anos do currículo escolar.

pensar. Porém, os manuais do programa de Lipman incluem uma listagem das idéias principais e cada idéia é apresentada brevemente e seguida de um ou vários exercícios ou planos de discussão que os professores aplicarão com seus alunos.

Na primeira idéia, "O que é real", o exercício leva por título a pergunta que constitui a idéia (O que é real?) e apresenta as seguintes alternativas a serem respondidas pelos alunos:

- 1- A cor vermelha do sangue
- 2- O azul do mar
- 3- O movimento do sol
- 4- Um dente postiço
- 5- Um elefante de brinquedo
- 6- Uma flor artificial
- 7- Um desenho da escola
- 8- O sabor do açúcar
- 9- O aroma de uma rosa
- 10- Seu rosto no espelho (KOHAN, 1999, p. 68).

O professor coordenará as respostas dos alunos às diversas questões, e o diálogo que surgirá a partir dessas respostas e após um longo debate sobre "o que é real" mas não é "não sei", eles avançarão e terão necessidade de debater critérios de realidade e aparência, porém, este exercício proposto por Lipman parece tematizar a questão de forma muito restrita, especialmente para crianças pequenas que estão fazendo suas primeiras experiências coletivas de pensamento filosófico.

O professor pode fazer experiência coletiva com as crianças permitindo que elas filosofem e que as crianças permitam que o professor e os outros colegas filosofem também, e não só permitam, mas também compartilhem esse filosofar de tal forma que o outro possa pensar e dizer esse pensar em voz alta, sem pretender convencer aos outros e sem medo de querer ser convencido pelos outros.

Que seja uma experiência coletiva de pensar com os outros, sem medo, sem ameaças.

Deve-se convidar e proporcionar à criança um universo da filosofia que signifique instruí-las em nossa forma de entender o mundo. Propiciando um espaço de liberdade para que elas pensem o mundo, com auxílio do diálogo filosófico, sobretudo se for permitido a elas a liberdade de expor seus pensamentos, seus sentimentos perante um fato em um acontecimento, isto fará com que ela cresça não só em tamanho, mas em um grau de inteligência, o que deve ser levado em consideração é que ela não é uma pessoa adulta e pensa de acordo com suas descobertas pessoais e conhecimentos adquiridos. Na obra de Gallo e Kohan, (2000, p. 85), encontramos o seguinte pronunciamento de Lipman:

O trabalho teve início imediato nas escolas, inicialmente em uma escola pública de São Paulo, o primeiro grupo foi preparado para o trabalho com a “novela filosófica”.

De 23 a 28 de junho de 1988, aconteceu no Brasil outro fato importante que foi o III Encontro Internacional de Filosofia para Crianças em Maringá-PR juntamente com ele, o I Simpósio Nacional de filosofia, desenvolvimento do raciocínio e educação, com a participação do professor Lipman, a professora Anita Novinsky Sharp e vários professores de outros países. Paulo Freire teve o privilégio de encontrar o professor Lipman nas duas vezes que veio ao Brasil, nos quais ficaram bem nítidos os pontos importantes de coincidência nas propostas educativas dos dois, como a importância dada à problematização e o diálogo, bem como a presença da reflexão filosófica na formação do educador e a importância de uma educação crítica.

Somente a filosofia pode estabelecer seus próprios métodos para resolver suas questões e a educação com sua prática que permite o aperfeiçoamento quanto aos métodos e questionamentos e investigação que ambas compartilham e também contribuem para enriquecer temas problematizados pela filosofia. A filosofia da infância pode ser entendida como uma sub-região da pessoa, tendo duas esferas de raciocínio: indagar os adultos sobre o saber das crianças e a experiência infantil, por que as crianças conhecem o mundo de maneira diferente.

Ainda que a proposta de Lipman seja inspiradora, ela não esgota as possíveis consequências do encontro entre as crianças e a filosofia. Atualmente, a partir do próprio programa Filosofia para Crianças criado por Lipman, milhares de crianças em todo o mundo já estão dentro da filosofia (KOHAN, 1999, p. 66).

O principal objetivo do aluno é aprender a pensar, e a filosofia para crianças é uma experiência do pensamento, um movimento do pensar que atravessa a vida de quem a pratica, e comporta um rumo incerto, um indeterminado, um perigo. A prática da filosofia implica em riscos, ela não promete tesouros certos ao final do caminho. Ela é uma forma de abrir o pensar a si mesmo e ao novo, abrir o pensar ao novo no pensar e a pensar de novo. Essa experiência é repetível, pois o nosso subconsciente está constantemente nos levando a

Novinsky Margareth Sharp² que desde então tornou-se sua principal colaboradora no desenvolvimento desse projeto.

Lipman escreveu vários livros com tiragens superiores a 200 mil exemplares e as traduções espalharam-se por 15 línguas. Algumas de suas obras mais importantes encontram-se disponíveis em português incluindo a maioria das “novelas filosóficas” com seus manuais para o professor. Somente podem ser adquiridos após passar pelos cursos (treinamentos) de capacitação oferecidos pelo centro. Esse material didático não pode ser encontrado em livraria, porque o Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças detém o direito de exclusividade para sua comercialização.

O próprio Lipman (1990) considera difícil falar sobre o surgimento do programa de filosofia para crianças sem identificar o motivo que o levou a criar seu programa de filosofia para crianças.

Segundo Carvalho (1994, p. 5), Vigotsky considera que as crianças são capazes de trabalhar com idéias filosóficas:

No início dos anos 50, li um artigo filosófico do francês Bernard Groethuysen, que morreu em 46, sobre a semelhança entre o pensamento de crianças e dos grandes metafísicos. Isso me marcou muito. O trabalho de Vigotsky também confirmou que as crianças eram capazes de trabalhar com idéias muito mais do que as pessoas imaginavam (Cf. LIPMAN, 1990, p. 5).

A motivação pedagógico-cognitiva surgiu quando Lipman começou a perceber que seus alunos na Universidade de Colúmbia apresentavam dificuldade de leitura e compreensão dos conteúdos de filosofia, o que ele atribuía ao precário desenvolvimento de suas habilidades cognitivas.

Segundo as constatações de Silveira, (2001, p. 15) Lipman tirou duas importantes conclusões: A primeira, que os cursos de lógica que ministrava na universidade não melhoravam a capacidade de raciocínio dos alunos, e a segunda, que as habilidades cognitivas precisavam ser estimuladas de forma sistemática e progressiva desde as primeiras séries e durante todo o ensino fundamental.

O programa de Lipman espalhou-se pelo mundo e atualmente cinquenta países estão envolvidos no projeto. No Brasil desde 1985 o CBFC (Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças) trabalha na adaptação do material didático.

² Sharp doutorou-se em filosofia pela Universidade de Massachusetts com uma tese sobre a teoria da educação de Friedrich Nietzsche (Cf. LIPMAN, 1990).

condições financeiras para ingressar na faculdade, permaneceu sem estudar durante sete anos.

Lipman concluiu sua graduação em filosofia em 1948, na universidade de Standford, em 1954, obteve o título de doutor em filosofia pela Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque, sua tese foi sobre a arte.

Ele se preocupava quando atuava na academia com a metafísica e no campo da estética. Ele concebe a arte como uma forma de inteligência e pensamento e uma atividade altamente cognitiva. Sua aproximação com a arte facilitou sua aproximação da filosofia da linguagem, como ele próprio testemunha.

Estava interessado na maneira como a arte abstrata parecia estar concentrada na metodologia da arte e não do valor da representação, do conteúdo. Aquilo me parecia muito semelhante ao que ocorria em filosofia, com a filosofia da linguagem, que abandonava conteúdos para dar ênfase aos procedimentos e métodos. Sempre estive interessado em analogias entre arte e filosofia (SILVEIRA, 2001, p. 12).

Lipman, após doutorar-se em Colúmbia, regressou à França para realizar estudos complementares de pós-graduação, onde se interessava pelas questões de estética, a filosofia norte-americana. Porém o que mais lhe chamou a atenção foram as contribuições da fenomenologia e do existencialismo, que passou a considerar como um tipo de filosofia mais intensa e vivencial.

Voltou então para os Estados Unidos, onde se tornou professor de filosofia despertando a importância da filosofia da linguagem, ou analítica, pois “as crianças são muito preocupadas com a linguagem, as palavras e os sentidos” (*Ibidem*, p15).

Silveira (2001, p.12-13), relata que a filosofia analítica, especialmente a experiência inglesa em análise lingüística, a que ele considerava indispensável aos seus objetivos, passou a integrar o universo de suas preocupações.

Em 1972, recebeu um convite para trabalhar no departamento de filosofia do Montclair State College, em Nova Jersey, uma instituição de ensino superior onde, além de lecionar filosofia, poderia dar continuidade ao seu projeto de constituição de um programa de filosofia para crianças. Ali conheceu Anita

Mas alguns filósofos acreditam que o pensamento é um ato corriqueiro, espontâneo e realizado a todo momento, sem perceber, pois é impossível agir sem pensar.

A filosofia exige uma reflexão, mas nem toda reflexão é filosófica, pois esta preenche uma série de exigências:

- Fundamentar e investigar profundamente onde o objeto deve ser analisado para ir além das aparências.
- Refletir o objeto em conjunto, em totalidade.

Lipman acredita que a filosofia para crianças se constitui originalmente como programa educacional que cultiva o desenvolvimento das habilidades de raciocínio através de tópicos filosóficos, onde se trabalha com a criança como um ser por inteiro e não como meros pacientes do processo educacional, onde a criança terá oportunidade de questionar o que é mais viável para ela, uma vez que ela aprendeu com a filosofia o "pensar".

Não há preocupação em ir até a raiz do problema em questão, visto que a discussão gira em torno das opiniões dos próprios alunos sem que ocorra aprofundamento significativo; também não há preocupação em sistematizar e fundamentar as conclusões, uma vez que o mais importante não é o conteúdo ou as respostas a que cheguem os alunos para suas indagações; mas o processo mesmo de discussão, visto que os mesmos são apresentados às crianças de forma esparsa e aleatória, por vezes tomadas abstratamente. A rigor, a única exigência de Lipman para que a investigação dos alunos realize por meio de diálogos participativo e disciplinado pela lógica (LIPMAN *apud* SILVEIRA, 2001, p. 4).

FILOSOFIA PARA CRIANÇAS NO BRASIL

Ainda segundo Lipman (1990),

O programa de filosofia para crianças é uma proposta pedagógica que abrange desde a educação infantil até o ensino médio e que se apóia no pressuposto de que o ensino, dito tradicional, não é capaz de produzir pessoas que se aproximem do ideal da racionalidade (LIPMAN, 1990, p. 34).

Para falar de filosofia para crianças é necessário conhecer melhor o seu idealizador, Mattheus Lipman. Nasceu em Vineland, no estado de Nova Jersey, Estados Unidos, em 1923. Aos quinze anos de idade concluiu o liceu e por falta de

parte essencial da educação de príncipes e princesas como aponta Lipman, 1990, p. 28:

Com o passar do tempo a filosofia passou a ser considerada supérflua no preparo dos futuros homens de negócios e cientistas. Com a ascendência da ideologia dos negócios, a filosofia foi tirada de cena no que dizia respeito à educação das crianças. Nem mesmo Dewey, tranqüilamente o mais perspicaz de todos os filósofos da educação, pôde persuadir-se a defender a filosofia como uma matéria da escola primária enquanto que para outros a filosofia tornou-se difícil às crianças ou muito frívola ou muito árida, alguns até acharam muito perigosa (LIPMAN, 1990).

A INVESTIGAÇÃO FILOSÓFICA COMO MODELO DE EDUCAÇÃO

O sistema educacional contemporâneo é geralmente descrito como monolítico, inflexível e impenetrável. Sendo que alguns apreciam a filosofia por sua promessa de desenvolver as habilidades de raciocínio, outros a admiram porque os alunos parecem gostar dela por ela mesma e não por causa das notas ou pela relevância a suas aspirações vocacionais. Alguns a vêem como o tronco central do ensino de 1º e 2º graus, do qual as disciplinas especializadas podem emergir; outros a vêem como uma prevenção salutar ao abuso do álcool e das drogas. Esses educadores talvez estejam familiarizados com o recuo tradicional da filosofia para crianças, mas são suficientes práticos para rejeitá-la. Eles gostam do que acontece quando as crianças fazem filosofia. Eles talvez não saibam que a filosofia para crianças preenche o conselho pedagógico de Platão.

“A educação é conduzida não pela coação mas pelo prazer” (LIPMAN *apud* SILVEIRA, 2001, p. 32). Não se tem uma fórmula mágica de “como educar hoje”, mas deve-se educar ajudando o aluno a descobrir o seu próprio caminho, em que ele possa construir seu próprio lugar no mundo e buscar dentro de si seu próprio eu.

A missão do educador é levar conhecimento de formas claras e distintas, fazendo com que o educando possa viver em sociedade, sendo assim, mais humano e solidário.

Para educar é preciso ter liberdade, onde o ser humano não pode alienar-se e cada vez mais possa aperfeiçoar-se, onde a educação não pode estar em função dos outros.

modéstia e simplicidade, tinha total domínio sobre si mesmo. Nos banquetes bebia tanto quanto os outros e jamais se embriagava.

Sócrates podia considerar-se um médico das almas, incumbindo de curá-las da falsa ciência que se julgavam portadoras. Pois qual fosse o desfecho do diálogo, quer se encontrasse ou não a ciência procurada, o saldo era sempre positivo, o interrogatório purificando a consciência do interlocutor da falsa ciência que impedia de adquirir, e mesmo procurar a verdade.

Sem jamais preocupar-se com os fenômenos celestes, procurando tudo o que se passa debaixo da terra, ocupava-se em andar pelas ruas persuadindo seus concidadãos a se ocuparem com sua alma, a fim de tornarem-na tão boa quanto possível. Sócrates procurava ensinar a virtude, pressupondo que a virtude fosse ensinável. Pois a virtude é o hábito de fazer o bem, o que é bom o que é melhor para o homem.

Sócrates foi preso e, na prisão de Atenas, foi condenado a beber a cicuta, em 399 a. C., com 69 anos de idade.

Geralmente, a vida dos filósofos é mais importante que sua morte, e sua obra mais importante que sua vida. Em Sócrates, não há obra, há uma vida consagrada à filosofia.

Sócrates morreu como devia morrer. Sua morte foi o preço de sua coerência, da coerência entre o pensamento e a vida, levado às últimas conseqüências. Mas o que Sócrates nos exemplifica não é uma filosofia conhecida nem aplicada, mas sim praticada.

Então filosofia é algo a que qualquer um de nós pode-se dedicar, porque para muitos filósofos a racionalidade só é encontrada nos adultos. As crianças (como as mulheres) podem ser charmosas, bonitas, agradáveis, mas raramente são consideradas capazes de ser racionais ou lógicas. Descartes e Piaget (LIPMAN, 1990) por exemplo, pensavam que a infância é um período de erro epistemológico que é felizmente perdido com a maturidade, porém, é absurdo para Sócrates o adulto e a criança terem a mesma capacidade de perseguir uma forma de vida filosófica.

A filosofia tornou-se uma disciplina disponível na graduação universitária, porque trata de algo considerado inapropriado para as crianças ou não essencial para sua educação. Não é este o caso da filosofia, pois ela já foi

mas não possui o significado e substância da verdade única. Pois a verdade não é estática e definitiva, mas movimento incessante, que penetra no infinito.

“A ciência chega à conclusão de juízos da realidade, descrevendo como os fenômenos ocorrem, já a filosofia faz juízo de valor buscando significados, dando sentido à experiência vivida” (BENOIT, 1996, p. 22).

Mas com o passar dos tempos, a filosofia tornou-se uma disciplina acadêmica, cujo acesso foi limitado aos estudantes das universidades.

Espera-se que estudantes aprendam filosofia ao invés de fazê-la, pois eles estudam a história dos sistemas de filosofia (talvez dos pré-socráticos até Hegel ou de Aristóteles até S. Tomás de Aquino ou Russell até Quine) como preparação aos exames finais ou a elaboração de discussões filosóficas extensas sobre tópicos obscuros, mas respeitadas, a fim de obterem qualificação acadêmica.

Em uma era em que a maioria da humanidade coloca a filosofia contra a parede, ela consegue ser uma sobrevivente, porém o preço de sua sobrevivência foi alto, pois teve que reivindicar para si e exercer um papel significativo.

Contudo, aplicar filosofia e fazer filosofia não é a mesma coisa. Para fazer filosofia é preciso espelhar-se na figura altiva e solidária de Sócrates que nasceu em Atenas (470-460 a. C.). era filho de Sofromisco, escultor e de Fenarete, parteira. Não está provado que tenha exercido o ofício paterno. Muito pobre, segundo os depoimentos de Platão e Xenofonte (Cf. BENOIT, 1996), era casado com Xantipa, cujo difícil temperamento tornou-se proverbial na antiguidade. Dela se dizia ser a mais insuportável das mulheres do passado, presente e futuro. Interrogado sobre qual o melhor partido, o celibato ou o casamento, Sócrates respondeu: “Seja qual for o partido que o homem escolher, arrepende-se-á”. Com Xantipa, teve três filhos: Lamprocles, Sofromisco e Menesceno.

Insustentável é a tese de que Sócrates tenha sido um aluno dos sofistas. Ele criticava o formalismo e a falta de conteúdo do ensino sofístico, para qual a técnica do discurso, deixava de ser um meio, para tornar-se um fim. Todas teses dos sofistas eram contestadas por Sócrates.

Sócrates era um “cidadão exemplar”, viveu sempre em Atenas. Afastou-se da cidade apenas para cumprir seu dever militar. Ele tinha olhos esbugalhados, nariz achatado e barriga saliente. Suas virtudes eram a coragem, paciência,

ETIMOLOGIA DA PALAVRA FILOSOFIA

A filosofia surgiu na Grécia por volta do séc. VII e VI a.C. A palavra filosofia é grega e composta por duas outras: *Philo* que se deriva de *phila*, que significa amizade, amor fraterno e *Shofia* quer dizer sabedoria e dela vem a palavra *sphos*, sábio.

Filosofia significa, portanto, amizade pela sabedoria, amor e respeito pelo saber. A criação da palavra filosofia é atribuída aos filósofos gregos Pitágoras de Samos e Tales de Mileto. Estes foram os primeiros filósofos, e também matemáticos. O filósofo grego é visto como um sábio, pois ele reflete sobre a indagação humana.

Os primeiros filósofos viveram por volta do século VI a.C. e mais tarde, foram classificados como pré-socráticos – a divisão da filosofia grega centraliza-se na figura de Sócrates – e agrupados em diversas escolas.

Os escritos pré-socráticos desapareceram com o tempo e só restaram alguns fragmentos ou referências feitas por filósofos posteriores. Os filósofos escreviam em prosa, abandonando a forma poética característica das epopéias, dos relatos místicos. As respostas dos filósofos eram a questão do fundamento das coisas que são as mais variadas, onde cada um descobre a *arché*¹, a unidade que pode explicar a multiplicidade: para Tales é a água; para Anaxímenes é o ar; para Demócrito é o átomo; para Anaximandro os famosos quatro elementos, terra, água, ar, fogo que teriam sido aceitos até o século XVIII, quando esta concepção foi criticada por Lavoisier (BENOIT, 1996).

A filosofia trata do objeto abordado pelas ciências, mas nunca examinado o problema de modo parcial, mas sim na sua totalidade, ela se preocupa com um fundamento unitário, uma justificação, uma ordem e um fim para a realidade, assimilando a multiplicidade dela às suas próprias leis e buscando no seu íntimo uma continuidade significativa, a essência, a substância.

A filosofia não oferece nenhum conhecimento como sendo o verdadeiro e acabado, nem o filósofo detém um saber que o coloca acima de todos. Seus termos mudam de acordo com os problemas que ela enfrenta. Ela busca a verdade nas múltiplas significações do ser verdadeiro, seguindo modos abrangentes. Busca

¹ Princípio de todas as coisas.

FILOSOFIA PARA CRIANÇAS NO BRASIL

Aline Juliana da Silva Santos

PALAVRAS-CHAVE: educação, pensamento, filosofar, reflexão e comportamento filosófico.

INTRODUÇÃO

A proposta de filosofia para crianças de Matthew Lipman é, certamente, a tentativa mais significativa e sistemática de aproximar a filosofia das crianças. Embora, a filosofia seja um pensar pessoal, não se pode partir do zero. É importante analisar pensamentos que procedem de maneira crítica e criativa, ter consciência de si e da realidade, refletindo, agindo e se preocupando com a cultura e com o mundo.

A aplicação do programa filosofia para crianças traz consigo alguns pressupostos e implicações que, não sendo considerados, geram muitas vezes, um emprego técnico e pouco reflexivo da proposta.

Este artigo se baseia na seguinte premissa: embora pensar seja uma característica natural do ser humano, isto precisa ser exercitado, caso contrário, o pensamento se atrofia, como um músculo que não é usado. E é necessário treinar para se usar a lógica a fim de que se possa refletir com profundidade acerca da vida, do mundo, das coisas, das circunstâncias. Além disso, a filosofia preocupa-se com a falta de valores ou a predominância dos antivalores que tomaram conta da sociedade capitalista atual. De um mundo natural, agradável e lógico, através de uma história que se passa em sala de aula e outras historietas, fábulas, poemas e músicas, a filosofia encaminha o aluno a perceber valores que podem levar às pessoas e à sociedade a uma vida mais fraterna e justa.

“Se tanto a filosofia como a educação estão dividindo a racionalidade como uma meta comum, não pareceria de todo ultrajante argumentar que, fundamentalmente, toda verdadeira filosofia é educacional e que toda verdadeira educação é filosófica”.

Maria Cristina Theobaldo

**FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Data: 13 de junho de 2005

Hora: 19:15h

Local: Sala do 7º Período de Filosofia


Acadêmico(a): **Aline Juliana da Silva Santos**


Título: *Filosofia para crianças no Brasil*

Componentes da Banca:

Orientador(a): **Joaquim José Neto**

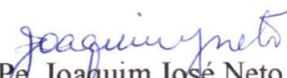
José Geraldo Trindade





Nota: 9,8

Rubiataba, 13 de junho de 2005


Pe. Joaquim José Neto
Coordenador do Curso

ALINE JULIANA DA SILVA SANTOS



FILOSOFIA PARA CRIANÇAS NO BRASIL

Artigo apresentado à Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba, como requisito para conclusão de graduação em Filosofia, sob a orientação do professor Joaquim José Neto.

Daou - 30786

Tombo n°	<i>10539</i>
Classif.:
Ex.:	<i>1</i>
.....
.....
Origem:	<i>d</i>
Data:	<i>09-09-05</i>

Centro de Ensino Superior de Rubiataba – CESUR
Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba – FACER

FILOSOFIA PARA CRIANÇAS NO BRASIL

ALINE JULIANA DA SILVA SANTOS

2005